

**Inscrições no tempo e identidade:  
O idoso na sociedade ocidental contemporânea, vínculo com o  
futuro ou estigma de finitude?**

Daniele Borges Bezerra <sup>1</sup>  
Tatiana Bolivar Lebedeff <sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A compreensão de que a identidade ocorre em associação à memória possibilita perceber uma elaboração que acontece paralela a uma noção de tempo. Assim, é possível pensar as experiências que originam a memória a partir de uma série de inscrições simbólicas no corpo, compreendidas a partir de um viés psicanalítico e social sem, contudo, desconsiderar o aspecto neurocientífico de gravação das memórias. Parte-se aqui de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, na tentativa de evidenciar o aspecto inscrito da experiência e o caráter eminentemente linguístico do compartilhamento na constituição da identidade em sociedade. Objetiva-se, a partir disto, uma aproximação entre a relação que a sociedade ocidental contemporânea estabelece com o tempo e o lugar do idoso em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Inscrição simbólica, Identidade, Velhice, Memória.*

---

**ABSTRACT:** The understanding that the development of identity is associated with memory makes possible the realization of the construction of identity that happens parallel to time. This way it's possible to think of the experiences that create memory as a series of symbolic inscriptions in the body, understood from a psychoanalytic and social point of view, without disregarding the neuroscientific aspects of recording memories. A literature review was done on the topic in an attempt to highlight the bodily aspect of experience and the linguistic sharing of memories in the forming of identity in society. The objective of this was to find an

---

<sup>1</sup> É graduada em Artes visuais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil. Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública (ESP/RS), Brasil, e Especialista em Saúde Mental Coletiva, pela mesma escola (ESP/RS), Brasil. Atualmente é bolsista da CAPES como aluna do curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil.

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia do Desenvolvimento, Professora Adjunta da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil, Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel.

---

approximation of the relationship that contemporary Western society has established with the time and the place of the elderly in society.

**KEY-WORDS:** *Symbolic inscription, Identity, Memory, Aging.*

---

## O registro da memória e o nascimento da identidade

*Da mesma forma, desprovido de memória, é claro que não apenas não poderias recordar-te de que havias tido algum prazer, como também passaria sem deixar rastro algum o prazer do momento presente [...]. Não seria vida de gente, mas de algum pulmão marinho, ou desses animais do mar provido de conchas [...]* (Platão, p. 99).

Em Filebo, dos Diálogos de Platão, a memória enquanto registro proveniente de uma experiência sensível diferencia o ser humano que recorda dos seres desprovidos de memória: “pulmão marinho [...] animais providos de conchas”. Assim, a memória, antes de tudo, é capacidade intelectual que permite aos indivíduos a aquisição de uma consciência de si. Portanto, é possível pensar já nos diálogos de Sócrates com Protarco, uma associação entre memória e identidade. Sócrates evidencia a instauração da pessoa a partir de sensações oriundas da experiência corpórea em comunhão com a alma, contudo, seria demasiado simplista encerrar a questão no âmbito das sensações, é necessário ter consciência desta sensação e simbolizá-la.

A memória, neste sentido, pode ser o veículo de acesso a diferentes concepções de conjunto em circulação entre os grupos. Com isso, o conjunto de memórias que a pessoa dispõe possibilita avaliar, selecionar, enaltecer ou descartar momentos aos quais, no

tempo presente, resignifica sua vida atualizando parte de si<sup>3</sup>, contido nas memórias. A partir disto, deduz-se que as experiências sensíveis são passíveis de registro e é através deste registro que a pessoa apreende o mundo e nele se comunica unindo experiências passadas com o presente e possibilitando um vínculo com o futuro: “Ao que parece primeiro precisaremos saber o que seja memória, ou mesmo, antes dela, o que é sensação, se quisermos elucidar de uma vez para sempre essa questão” (Sócrates *In Platão, idem*). Ao continuar a discussão, Sócrates situa o corpo como mediador da experiência que dá origem às memórias e afirma que de todas as afecções a que o corpo está sujeito algumas se extinguem na superfície própria ao corpo, sem atingir a alma, sendo a alma o lugar de registro que acompanharia a pessoa no curso do tempo. Com isso, o ser humano compartilha da experiência sensível, tal como os animais<sup>4</sup>, mas, é a consciência temporal que os diferencia.

Em Aristóteles a memória encontra uma associação ao tempo: “a memória é do passado” (*apud* Ricouer, 2010, p.35) e Ricouer compreende o pensamento do filósofo grego como a memória num contraste entre o futuro da conjuntura e da espera e o presente da sensação. Tal percepção provém da marca da anterioridade que diferencia o antes e o depois no tempo, uma noção de continuidade alicerçada na experiência vivida em associação a um fluxo contínuo. As noções de percurso temporal<sup>5</sup> e de continuidade no fluxo do tempo na forma de etapas sucessivas, são inerentes à essência da memória e asseguram a distinção entre

---

<sup>3</sup> Candau (2011, p. 61) cita Santo Agostinho para falar do nascimento da consciência de si próprio no indivíduo que toma consciência de suas memórias estendendo a experiência para além das sensações: “é aí que me encontro comigo mesmo” Candau, afirma ainda, que é na duração ou na repetição que surge uma consciência de si.

<sup>4</sup> Izquierdo (1989) fala de memória humana e animal em horizontalidade, entendendo-a como armazenamento e evocação de informações adquiridas através de experiências. Esta aquisição de memórias é denominada aprendizado.

<sup>5</sup> O conceito de *a posteriori* de Freud, abordado em Farias (2008), possibilita compreender a dissimetria entre fato e lembrança: o primeiro relaciona-se à experiência, o segundo trata de uma narrativa construída a partir do primeiro.

memória e imaginação. Através da fixação<sup>6</sup> das experiências em pontos demarcados no fluxo temporal, eventos ou espaços de memória mais amplos é possível observar uma sensação de pertencimento social a partir de uma memória compartilhada.

A memória é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário pertence a todos e a ninguém o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais [...] (Nora, 1993, p. 14).

Assim, as lembranças revisitadas na forma de imagens não assumiriam um caráter de pura imaginação fantasiosa, mas seria forma ou aderência representativa do passado, com forte caráter de semelhança ao objeto lembrado. Desta forma, a experiência da rememoração é identificada a um acontecimento singular que não se repete: “a busca constitui uma espécie de raciocínio” o que Bergson chama de “esforço de rememoração” (Ricouer, 2010, p.38). Os eventos e pessoas lembradas parecem ser os mesmos e é nesta mesmidade do reaparecimento que ocorre a rememoração. É também desta forma, que se dá o aprendizado: “Lembrar-se e saber coincidem inteiramente” e é assim que a história enquanto operação intelectual assume seu estatuto documental sobre os fatos (Ricouer, 2010, p. 42).

Autores como Foucault e Marcel Mauss ampliam esta compreensão à medida que incluem um aspecto político e social de enquadramento da pessoa em sociedade<sup>7</sup>. A experiência como uma

---

<sup>6</sup> No contexto das neurociências, Izquierdo (*op. citado*) fala de quatro fatores que, relacionados à intensidade, determinam a formação ou não de memórias, bem como a resistência à extinção e à interferência sobre as mesmas: seleção, consolidação, incorporação de mais informação, formação de registros que ele chama de *files*.

<sup>7</sup> Roberto Machado ao introduzir o livro *Microfísica do poder* de Foucault (1989), fala de um poder disciplinar que funciona como uma técnica, um dispositivo ou um mecanismo, um instrumento de poder: ‘métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo [...] fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e a manutenção da sociedade industrial, capitalista’ (Foucault, 1989, p. 17).

impressão sobre o corpo e a partir do compartilhamento de técnicas corporais, Mauss (2011). Tanto Foucault (1989), como Marcel Mauss, percebem o corpo como o local a partir do qual a pessoa experimenta e se coloca no mundo. A diferença entre estes autores e Sócrates é a percepção de que a experiência humana é mais complexa que este modelo do tipo concha: corpo x alma, pois, mesmo sendo sentida individualmente é sempre dentro de um conjunto prescritivo<sup>8</sup> de formas de saber, fazer e sentir socialmente partilhados que se configura a pessoa em sociedade. Pressupõem, portando, uma prescrição social, geral, da experiência que geraria um tipo de memória coletiva para além da memória individual de cada pessoa do grupo.

O exemplo do personagem Kaspar Hauser do filme: *O enigma de Kaspar Hauser*<sup>9</sup> ilustra a ausência de códigos sociais que permitam a simbolização das experiências vivenciadas pelo corpo para além do corpo. Kaspar Hauser foi criado em uma instalação subterrânea, isolado de qualquer contato social sem ao menos saber da existência de outros seres humanos até os dezoito anos. Quando foi abandonado em uma praça com um bilhete na mão, mal conseguia caminhar e não possuía uma consciência de si próprio e tampouco uma memória linguística, já que sua experiência, instintiva, foi inscrita em um limitado ambiente de reclusão. Kaspar não teve acesso a nenhum tipo de técnica corporal de seu meio social e, portanto, agia de acordo com a animalidade própria ao corpo concha, desprovido de qualquer código social introjetado na forma de memórias hábito<sup>10</sup>. Por não possuir uma série de

---

<sup>8</sup> Poderia-se falar deste conjunto prescritivo com um mecanismo de regulação na forma da tradição. A tradição aqui compreendida como herança coletiva, legada do passado com função de manutenção, renovação e transmissão do conteúdo simbólico a que se filia a pessoa em sociedade.

<sup>9</sup> Filme alemão: *Jeder für sich und Gott gegen alle* (1974) do cineasta Werner Herzog deu origem ao livro de Izidoro Blikstein intitulado: *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*, destinado ao estudo da semiótica.

<sup>10</sup> Bergson propõe uma distinção entre memória-hábito e memória-lembrança ambas vinculadas a uma experiência anterior, portanto, relacionadas ao tempo. Contudo, a memória-hábito apresenta a característica de continuidade, de um conhecimento adquirido,

comportamentos adquiridos socialmente, a primeira vez que saiu do espaço de isolamento, não foi capaz de reconhecer este mundo que lhe “abriu os olhos ao meio” nos termos de Didi- Huberman (1998, p. 39):

*“Esse objeto que vejo é aquilo que vejo, um ponto nada mais’. Terá assim feito tudo para recusar a temporalidade do objeto, o trabalho do tempo, ou da metamorfose no objeto, o trabalho da memória- ou da obsessão- no olhar [...] ao ostentar um modo de indiferença quanto ao que está justamente por baixo, escondido, presente, jacente [...]”*

Isto que ele vê pela primeira vez, em estado de catatonia, também o vê, o toca, de certo modo, o invade, pois vivencia elementos aos quais não é capaz de compreender e aos quais se sente compelido à compreensão, para tanto, simbólica. Faltam-lhe os códigos<sup>11</sup> sociais aos quais toda criança é introduzida socialmente, à princípio a partir do vínculo materno ou do cuidador.

Nestes termos, a psicanálise, na figura de Winnicott<sup>12</sup> (1983, p. 80) delega à mãe a função de primeira ponte com o mundo. A partir de uma relação inicial simbiótica com a mãe, a mesma passaria a ser o objeto libidinizador<sup>13</sup> que apresenta o

---

ainda no presente (Ricoeur, 2010, p. 43).

<sup>11</sup> Blikstein (1990, p. 20) define signo como algo que substitui ou representa a realidade. Uma teoria semiológica baseada na representatividade que liga um conceito a uma imagem.

<sup>12</sup> O pediatra e psicanalista Winnicott, principal referência para psicanálise da infância, compreende o desenvolvimento infantil a partir do ambiente familiar. Assim, a criança aprende sobre o mundo a partir de uma vinculação com personagens muito próximos a ela, inicialmente a mãe apoiada pela figura do pai, ou na ausência destes o seu cuidador imediato. Estes seriam pontes com o mundo, apresentando à criança a partir de estímulos, paulatinamente, incorporados e simbolizados na forma de um adestramento.

<sup>13</sup> Entende-se por libidinização, um conceito desenvolvido por FREUD (1976) que parte do princípio do prazer. Trata-se de moções do desejo em direção a objetos da realidade. Platão em Filebo (*op. cit.*) fala de uma função da memória na recordação dos prazeres. Contudo, é

mundo à criança tornando possível seu progressivo desligamento do corpo materno e, progressiva, inserção como sujeito no mundo. A partir disto, outras pessoas sociais cumprem a mesma função até que a criança comece a fazer parte de outras estruturas sociais que não a estritamente familiar, tal como a escola por exemplo. O contato crescente com o meio social e a assimilação de regras e padrões compartilhados em sociedade permitem à criança um tipo de formatação ou enquadramento que paulatinamente configura a identidade da pessoa em sociedade. Esta ponte de ligação do sujeito ao mundo permite, portanto, o exercício da imaginação e o desenvolvimento do potencial criativo na área da ilusão, que corresponderia para Winnicott (*idem*) à capacidade de criar o próprio viver. É neste contexto que a memória-hábito de Bergson toma corpo: “faz parte de meu presente do mesmo modo que meu hábito de andar ou escrever; ela é vivida, é ‘agida’, mais do que é representada” (Bergson, 1999, p. 88). Assim, o acúmulo de experiências vai possibilitar através do armazenamento de memórias aprendidas e de memórias afetivas a configuração de uma identidade em sociedade. Um registro de pessoa que integra e se altera coletivamente a partir de associações e contrastes. Para Bergson (*op. cit*) a memória aprendida e reproduzida socialmente a partir do hábito: uma lição decorada, o modo de andar ou de escrever; pertencem a um conjunto de habilidades que estão, por característica, sempre disponíveis, sem que seja necessário aprender novamente no ato em que se executa a ação. O personagem Kaspar não possuía um conjunto de memórias-hábito internalizadas e disponíveis na forma de habilidades socialmente transmitidas e este aspecto, provavelmente seja o que primeiro evidencia, à vista d’olhos, a sua dissonância com relação à sociedade na qual se insere.

---

com o final do princípio do prazer e o início do princípio da realidade em Freud que a pessoa, ainda criança, desenvolve consciência e memória.

---

Percebe-se com o personagem Kaspar Hauser, a intervenção de um poder externo que o condiciona, através de um mecanismo simbólico de controle e vigilância, nos termos de Foucault (1989), alterando seu estatuto de humanidade. Além disso, percebe-se que a ausência total de um treinamento social, nos termos de Marcel Mauss (2011), impossibilita o acesso aos códigos sociais que lhe possibilitariam o próprio ato de memória para além do que perpassa o corpo e as imagens em associação a ele. O exemplo de Kaspar Hauser leva-nos a conclusão de que o ato memorial e a formação de memórias estejam relacionados à capacidade de simbolizar, a menos que se fale de memórias meramente sensoriais: visuais, sonoras, táteis dissociadas de contextos associativos.

Em paralelo à emoção que desencadeia a fixação das memórias, ocorre uma associação entre as “coisas” lembradas e os lugares habitados pelo corpo Ricouer (2010, p. 57). O que ocorre é, portanto, a vinculação das memórias a imagens do local onde se deram as experiências memoráveis. Ricouer fala da distinção feita por Bergson entre “lembança-pura” e lembrança- imagem, sendo a primeira uma que ainda não está posta em imagens e a segunda uma espécie de reconstituição do passado a partir da atribuição de valor e do sonho, uma espécie de encenação (Ricouer, 2010, p. 67-69).

*“Imaginar não é lembrar-se. Uma lembrança, à medida que se atualiza provavelmente tende a viver numa imagem, (...) e a imagem pura e simples só me levará de volta ao passado se eu realmente tiver ido buscá-lo no passado, seguindo assim o progresso contínuo que a trouxe da obscuridade para a luz” (Grifo do autor) (Bergson, 1896 apud Ricouer, 2010, p. 68).*



Com isso, apesar da característica preponderantemente visual das memórias, que denota um aspecto de presença do passado, equivalente ao anulamento<sup>14</sup> da distância e da ausência, destaca-se o aspecto duvidoso da imagem associado à imaginação. Quando o limite entre imagem-lembrança e imagem-imaginação se confunde no campo da percepção, a imagem assume características mágicas e alucinatórias e deixa de ser um traço da memória-pura para ser considerada uma memória-inventada de caráter virtual<sup>15</sup>. Jean Paul Sartre, *L'imaginaire*, (1940) é citado em Ricoeur (*op.cit* p. 69) ao abordar uma diferença essencial entre a tese da lembrança e a da imagem: “Se me recordo de um acontecimento de minha vida passada, não o estou imaginando, eu me lembro dele, [...] como dado-presente no passado” (grifo nosso). O diferencial na percepção da memória-imagem com relação à veracidade da imagem associada a uma memória-pura ou a uma memória-imaginação pode partir do lugar da pessoa que lembra, inserida no contexto da imagem. Neste sentido, a sua incorporação, como dado-presente, no lugar da lembrança a partir da habitação do espaço pelo corpo, corresponde a ver-se e reconhecer-se no passado revisitado na imagem.

### **Inscrição, esquecimentos, compartilhamento e estigma**

A metáfora da impressão do sinete em placas de cera, elaborada por Platão apud Ricoeur (2010), sugere o ato de armazenamento de lembranças na memória enquanto registro da experiência sobre o indivíduo da lembrança, uma inscrição que se

---

<sup>14</sup> Conforme Ricoeur (2010, p. 69) “uma maneira de encenar a satisfação”.

<sup>15</sup> De modo geral as memórias configuram-se como virtuais, até mesmo no campo dos estudos eletrofisiológicos da memória. Embora seja possível estabelecer o local de armazenamento das memórias a nível cortical, Izquierdo afirma não ser possível precisar de que são feitas as memórias. O autor cita Green: “é até concebível que o estado de memória em si seja algum tipo de abstração sem realidade tangível!” ao reconhecer que apesar do empenho científico em torno da questão, a mesma continua sem resposta.

dá por meio dos afetos, deixando marcas semelhantes a uma assinatura:

*Sócrates: Pois então, digamos que se trata de um dom da mãe das Musas Memória: exatamente como quando a guisa de assinatura, imprimimos a marca de nossos anéis, quando pomos esse bloco de cera sob as sensações e os pensamentos, imprimimos nele aquilo que queremos recordar, que se trate de coisas que vimos, ouvimos ou recebemos no espírito (Ricouer, 2010, p. 28).*

Na citação feita por Ricouer (2010), Platão se refere à *Mnemosyne* palavra derivada do verbo *mimnéskein* que significa “lembrar-se de”. Na mitologia grega *Menmosyne* é a mãe das musas que presidem diversas formas do pensamento e irmã de *Chronos*, o que denota o aspecto intelectual associado à memória em sua relação com o aprendizado e o tempo. A *Mnemosyne* se opõe *Lethé*, o rio do esquecimento. Contudo, embora sejam antagonistas por natureza, memória e esquecimento podem ser considerados como complementares no âmbito da compreensão do campo mnemônico, uma vez que o ato memorial parte de um processo de expansão e retração onde nem tudo pode ser incorporado e nem tudo descartado. Sabe-se que grande parte das memórias é descartada e, possivelmente este seja um recurso favorável à formação de novas memórias. Um sujeito incapaz de esquecer seria como o personagem de Jorge Luis Borges (1979): *Funes, o memorioso* que aparece atormentado pelo acúmulo de representações memoriais, concomitantes à aquisição detalhada de toda e qualquer experiência. Imagine-se uma pessoa que armazena e sente tudo o que lhe chega através dos sentidos. O excesso desta

capacidade sensível e intelectual é fonte de um colapso nervoso e, improdutivo socialmente.

O problema de Funes não se limita a experiência sensível de todas as coisas, mas, ao fato de percebê-las intelectualmente, como sempre presentes, uma vivência fantasmagórica. De modo que o significado de *Scordare*, etimologicamente do grego “tirar do coração” pressupõe para Funes uma espécie de paz necessária. Assim, esquecer é uma forma de abrir espaço. Limpar a tela para que novas imagens sejam inscritas. E, neste sentido também a palavra inscrição é importante uma vez que é nela, através dos traços memoriais, que as lembranças são registradas e transformadas em memórias fortes.

A memória pode ser pensada, portanto, como um recurso para a manutenção de identidades, situada em um limite tênue entre a eleição de memórias que se preservam e daquelas que se cancelam. E, é entre memórias e esquecimentos<sup>16</sup> que se configura a pessoa enquanto sujeito, evidentemente social. Portanto, do mesmo modo que se considera a inscrição física<sup>17</sup> e simbólica da memória, percebe-se igualmente como inerente a faculdade memorial e aos mecanismos de armazenamento da memória, que nem toda lembrança incorpora a memória e que parte delas é alterada ou cancelada. Percebe-se que, em se tratando de memória nada é estável, nem tudo é registrado e que, provavelmente, as lembranças não sejam armazenadas como cópia fiel da experiência,

---

<sup>16</sup> Neste sentido o esquecimento, como antítese da memória, seria a ausência de prolongamento do efeito útil do passado no presente. Bergson (1999, p. 89). Por outro lado o esquecimento extremo pode impossibilitar a presença de traços que os identifique a si mesmos e ao grupo. Como é o caso de amnésias decorrentes de traumas localizados, com lesões de origem física ou química. E, no caso de idosos portadores de distúrbios como o mal de Alzheimer e outras demências degenerativas decorrentes da idade.

<sup>17</sup> Para Izquierdo (1989) é provável que a armazenagem de grande parte das lembranças se dê a partir de circuitos múltiplos, o que explica a sobrevivência de algumas memórias a lesões muito amplas e difusas. Sobre a persistência das memórias no tempo acredita ser possível que ocorra a partir da estimulação repetida dos grupos sinápticos envolvidos com a lembrança e também a partir da eliminação progressiva de sinapses ou neurônios desnecessários e potencialmente interferentes.

já que as lembranças são constantemente atualizadas e resignificadas pelo sujeito da lembrança em relação à novos estímulos.

Para Ricouer (2010), é no contexto sofista da dúvida que a memória associada aos termos *eikon*<sup>18</sup> e *phantasma*<sup>19</sup> assumem um aspecto de suspeita. A ideia de impressão se tratando de uma marca ou representação associa o ato de rememoração a um processo imagético. Apesar do aspecto de ficção assumido pela imagem e o distanciamento entre o instante registrado e o objeto real da lembrança, a imagem possui o caráter de representar, ou de apresentar na forma de registro algo que não existe mais e, antes de falsificar o instante passado, lembra o que já não está mais ali. Ressalta um instante passado que pode ser rememorado no presente a partir de uma representação que aviva a memória na imagem, sugere-se deste modo, que a imagem permite a encenação de lembranças. É o vazio das linhas em baixo relevo que salta aos olhos como metáfora do que não há mais. E este registro ocupando um espaço simbólico na memória pode provocar a rememoração agindo como evocativo de momentos significativos do passado experimentados pelo sujeito das lembranças.

O processo de elaboração das memórias, seja compreendido a partir de uma lógica biologicista, explicada por impulsos nervosos em resposta às sensações decorrentes das experiências marcantes seja através da psicanálise<sup>20</sup> e das teorias freudianas<sup>21</sup>, seja através da mitologia, como é o caso do mito do Rio *Lethé* e de *Mnemosyne*, ou a partir de estudos sociológicos que

---

<sup>18</sup> Representação presente de uma coisa ausente.

<sup>19</sup> Simulacro próprio à arte fantástica de forjar a realidade.

<sup>20</sup> Para Farias (2008) a construção mítica de *Mnemosyne* e *Lethe* integram as origens da memória no campo subjetivo da psicanálise.

<sup>21</sup> O pensamento freudiano denomina o trauma, como sendo algo de natureza inassimilável que produz o sintoma na forma de uma memória-lacuna. Uma memória inacessível que, contudo permanece ativa e se manifesta na forma de sintomas. Para Farias (idem) a memória decorrente de um trauma: “é como um corpo estranho incrustado no psiquismo e não como o regresso a um passado já vivido”. Portanto, cabe salientar o conceito de *a posteriori*, já mencionado anteriormente, na formação de memórias acessíveis.

demonstram a incorporação de elementos memoriais; expressam tentativas de compreensão de um fenômeno dinâmico de múltiplas arestas todas relacionadas à identidade individual e coletiva.

Para Candau (2011, p.107) o homem não contente com sua capacidade cerebral como única unidade de estocagem de informações memorizadas, desde muito cedo recorre a extensões da memória a partir da produção de traços com objetivo de compartilhar sinais de caráter transmissivo. Tal preocupação, acessível pela primeira vez através de gravuras pré-históricas como em *Lascaux*, grutas de *Cosquer* e *Chauvet* expandem-se até o advento da escrita e das modernas formas de expressão, como a fotografia. Desde os primórdios, é possível, portanto, perceber o caráter inscrito relacionado à memória e à identidade. Inscrições, a princípio, individuais que comunicam, dialogam e, até mesmo, contrastam em um panorama geral que configura memórias passíveis de ser compartilhadas<sup>22</sup>. Para Candau (2011, p.35):

*Os atos de memória decididos coletivamente podem delimitar uma área de circulação de lembranças, sem que por isso seja determinada a via que cada um vai seguir. Algumas vias são objeto de uma adesão majoritária, mas memórias dissidentes preferirão caminhos transversais ou seguirão outros mal traçados.*

Por outro lado, ao abordar a questão da marca, ou inscrição, como forma de comunicação intersubjetiva em sociedade, abre-se caminho para uma discussão sobre o contraste no ato de compartilhamento das percepções de mundo de cada pessoa

---

<sup>22</sup> Ricouer (2010, p. 142) introduz o tema de uma memória coletiva ao falar em uma tríplice atribuição da memória: “a si, aos próximos, aos outros”.

individual e coletivamente. Deste modo, a marca pode assumir um aspecto negativo e ao contrário de agir como elo simbólico entre as partes, assume um caráter taxativo que tende ao isolamento das identidades desviantes em conflito com a identidade coletiva oficial. O termo estigma foi desenvolvido por Erving Goffman (1993) como um atributo negativo surgido em sociedade a partir da categorização<sup>23</sup> de seus integrantes.

Vivenciada como perigo social, a condição de desvio adquire uma forte característica visual, naturalizada na forma da linguagem: o gordo, o mendigo, o louco, o velho, quando a estes lhes são conferidos atributos negativos: o mendigo é sujo, cheira mal, não se lava, é vagabundo; o louco não é confiável, diz asneiras, é perigoso; o velho não sabe o que diz, é demente, incapaz e feio. Enfim, tais marcas vão sendo incorporadas, compartilhadas e com o tempo naturalizadas em oposição ao princípio que rege determinada sociedade.

Pensar identidade e memória em termos de inscrição negativa é, portanto, compreender a presença de marcas como feridas sociais, introjetadas a nível psicanalítico ou incorporadas a nível antropológico.

### Tempo e incorporações

Como definir o tempo se por ora nos parece tão abstrato, tão sinuoso e, no entanto, tão evidente como marcação dos próprios ciclos da vida. Fomos nós a inventá-lo, ou estaria já ele na essência do próprio ser humano<sup>24</sup>? Desde a fecundação o ser humano passa a ser conectado a ciclos, são semanas, meses, associados a etapas de desenvolvimento, até o nascimento, depois

---

<sup>23</sup> Goffman (1993, p. 11) faz referência ao uso da palavra estigma pelos gregos, definida como: "*signos corporales, sobre los cuales se intentaba exhibir algo malo y poco habitual en el status moral de quien los presentaba*".

<sup>24</sup> Hartog (2006) cita Ricouer na designação "a condição de ser histórico" e Lyotard: "o homem presente a ele mesmo enquanto história".

as consecutivas fases do desenvolvimento como o caminhar, a fala, a comunicação, enfim, capacidades que vão sendo aprendidas e forjadas em associação aos ritmos do corpo e ao tempo no qual transcorrem. Tal como ocorre com relação ao desenvolvimento biológico, o tempo marca eventos importantes na vida social; são ritos de passagem, como: o batismo, as festas de quinze anos, os dezoito anos, ou maioridade penal, a formatura, o primeiro emprego, o casamento, o nascimento dos filhos, são, portanto, formas de marcação temporal nas sociedades ocidentais contemporâneas. É evidente, portanto, que o tempo participa da organização da vida sob o ponto de vista biológico e social. Contudo, o fato de se tratar ou não de uma invenção social pouco importa, uma vez que a sua condição é indissociável do meio social do qual falamos.

O aspecto biológico evidenciado pelo tempo é fundamental quando se fala de traços memoriais. Não são apenas as memórias que ficam registradas em profundidade na pessoa constituindo sua identidade, mas as próprias marcas do tempo cronológico iniciado com a concepção que vão alterando a aparência da pessoa, crescendo-a não apenas de marcas advindas da experiência, cicatrizes, propriamente, como também alterações estéticas feitas conscientemente e a própria degradação decorrente do envelhecimento. Assim o tempo, em *motum continuum*, como uma engrenagem participa da vida, a testemunha, mas dela nada registra. Os registros são feitos sempre na forma física, sobre o corpo e através de memórias. A pessoa da memória a percebe de duas formas: uma individual e sensível, a outra social. Algumas memórias permanecem íntimas, outras são partilhadas e formadas na essência da coletividade. Ambas participam da segmentação da identidade da pessoa. Algumas memórias favorecem o fortalecimento de grupos sociais associados a elas por afinidade. É neste sentido memorial que é possível pensar a pessoa presente a ela mesma enquanto história sentida no tempo.

As alterações do modo de vida contemporâneo determinam novos registros de experimentação e registro do tempo. Os longos períodos de imaginação livre de vivência em ambiente familiar pelas crianças são substituídos por novas formas de inserção precoce em ambiente escolar. O tempo é fragmentado e refletido sobre novas formas de formatação social da temporalidade. O imperativo da produção, capitalista, pressupõe novas formas de organização, experiência e formação de memórias que acarreta uma preocupação maior no armazenamento das experiências jornalísticas.

A fotografia, o vídeo, a internet e outros recursos<sup>25</sup> da modernidade, como a própria imagem e vídeo do ultrassom gestacional, são incorporados como recursos memoriais em um tempo onde a velocidade produz insegurança. A partir de um viés psicanalítico é possível a associação do pânico contemporâneo de esvaziamento à própria perda de identidade frente à velocidade e ao excesso de informação a qual se percebe necessária uma adequação contemporânea de todos, inclusos crianças e velhos. A necessidade de preservar para o futuro, em paralelo a sensação de um passado ameaçado, além de revelar insegurança com relação ao futuro, talvez possa ser compreendida em associação ao estigma do envelhecimento como perda. O imperativo do registro memorial entra em contradição com o lugar contrastante<sup>26</sup> do idoso, localizado numa condição de quase contaminação simbólica em associação ao perecimento e à finitude. Que lugar é este que nos aguarda no futuro? Quem são esses personagens da velhice com os quais não quero ser identificado? Neste sentido, parece-nos que a

---

<sup>25</sup> Assim, imagens feitas na tentativa de captar, todo e qualquer instante, assumem um caráter de *big brother* familiar. Disponibilizadas em suportes virtuais, preservadas através de recursos eletrônicos como *pen drives*, *HDs* externos e bancos de dados virtuais, na forma ampla de uma tecnologia que não oferece garantias de permanência estando, contraditoriamente, alicerçadas sobre a efemeridade contemporânea do presente contínuo. A virtualidade da memória nunca foi tão acentuada.

<sup>26</sup> O idoso assume, geralmente, uma posição de desvio social, em função de sua inadequação biológica ao ritmo das sociedades industriais capitalistas.



insegurança com relação ao futuro confunde-se com o medo de envelhecimento e da morte.

### **O lugar do idoso na sociedade ocidental contemporânea**

Pensar o lugar do idoso na sociedade ocidental pressupõe a busca de indícios de sua inserção em sociedade. E, parece inevitável falar do idoso sem deixar de pontuar a associação de palavras de cunho pejorativo relacionadas como referência à identidade na velhice, de modo naturalizado. A mais comum é a palavra: velho, associada a algo retrógrado, com validade vencida, que caducou, expirou, démodé, entre outros.

Percebe-se na sociedade ocidental contemporânea uma exagerada preocupação com o presente e com o futuro e uma espécie de luto em relação ao passado, como um passado perdido. Este modelo de sociedade é marcado pela velocidade e pela fragmentação do tempo a partir de um ritmo industrial centrado na produção. A pessoa idosa encontra-se a meio caminho entre passado e presente sem grandes projeções para o futuro e quando desconectado da vida familiar e produtiva encontra uma inadequação em relação à sociedade na qual está inserido.

É contraditório pensar que a sociedade contemporânea aprimore seus meios de armazenamento e registros do passado e, contudo, ignore a pessoa idosa como potencial arquivo vivo de memórias de um tempo a qual não temos acesso. O tempo passado, presente na memória de idosos e em seus saberes, é muito pouco acessado na prática. Pode-se sugerir que o idoso, geralmente posto à margem da coletividade, experimente uma sensação de deslocamento temporal, um estar fora do tempo, simbólico.

O idoso mesmo quando possui família pode sentir-se, deslocado do eixo familiar e ao rememorar o passado perceber o presente com nostalgia. Tal fato ocorre pela sensação de decadência decorrente da desvalorização atual, marcada por um encolhimento em relação a sua prática social atual. Para Ecléa Bosi

(2009, p.83) “o velho é alguém que se retrai de seu lugar social e este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos”. O termo encolhimento, utilizado por Bosi, refere-se ao sentimento de perda de participação em sociedade vivenciado pelo idoso que, ao contrário do que acontece em outras civilizações que não a ocidental, não é percebido como difusor, ou nos termos da autora, guardião, de saberes sociais que caracterizam tesouros culturais.

*“En las tribus primitivas, los ancianos son los guardianes de las tradiciones, no solamente porque las han recibido más temprano que los demás, también porque disponem sin Duda Del tiempo libre necesario para transmitir los detalles [...] no ES menos verdadero que La sociedad, atribuyendo a los viejos La función de conservación de las huellas de su pasado, les aliente a cosagrar todo cuanto les resta de energía espiritual a recordar”* (Halbwachs, 2004, p. 129).

Por outro lado, a experiência de idosos asilados, com perda de vínculo familiar, evidencia ainda mais o aspecto de inutilidade, muitas vezes por eles incorporadas. A sensação de abandono em paralelo a de isolamento social potencializa no idoso uma sensação de finitude antecipada. Neste sentido, o ato de compartilhamento<sup>27</sup> a partir de narrativas de histórias anestesiadas pelo tempo e pela vida institucionalizada, pode ser benéfico e

---

<sup>27</sup> O estatuto do idoso através da lei Nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, demonstra a notoriedade da função de compartilhamento no idoso e a importância do cumprimento destas recomendações como incremento para a memória e a identidade culturais: Art. 3º. IV – viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio dos idosos com as demais gerações; Art. 21º - § 2º- os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e das identidades culturais.

positivo, desde que se perceba na narrativa do idoso, uma ação cultural que implica em uma humanização do presente. Registrar tais memórias em diálogo com o presente é uma maneira de compreender a própria cultura e as identidades nela submersas. Por outro lado, é a própria carência de escuta e este esquecimento velado proposto pelas instituições a favor de um presente minimamente confortável, que salientam no idoso asilado, o sentimento de esvaziamento ou encolhimento que antecipam a morte, tornando-a vivamente presente.

Ecléa Bosi vê no idoso a função social própria de rememorar, sua imaginação faz longos voos em direção ao passado e com maturidade seleciona aspectos que considere importantes no presente. A rememoração é espontânea e natural, no entanto, muitas vezes se volta a espaços estéreis onde a escuta é negativa:

*Mas, o ancião não sonha quando rememora: desempenha uma função para a qual está maduro, a religiosa função de unir o começo ao fim, de tranquilizar as águas revoltas do presente alargando suas margens: [...] Ele, nas tribos antigas, tem um lugar de honra como guardião do tesouro espiritual da comunidade, a tradição (Bosi, 2009, p. 82).*

Ao afirmar que o idoso não sonha, a autora exprime uma relação entre a maturidade do idoso e sua função como difusor de experiências. Embora, se estabeleça uma diferenciação entre a faculdade da memória e imaginação, a fins de validação das pesquisas em memória social, sabe-se que os mecanismos de ação do cérebro, no exercício de rememoração estão vinculados a um ato de imaginação. Com isso, nenhuma memória é reflexo fiel da experiência rememorada, mas uma referencia que se altera com o tempo à medida que se rememora. É neste percurso temporal que

se altera também a identidade do sujeito das lembranças. Perceber o idoso enquanto categoria social faz necessária uma imersão nas origens desta categorização para gerar novas formas de percepção de sua função no tecido social. Com isso, é possível alargar não apenas as margens das lembranças no presente, mas possibilitar a compreensão do idoso, como ser cultural, em posição privilegiada no compartilhamento de memórias, numa função que parece inerente a fase de vida na qual se situa.

### Referências Bibliográficas

- Diálogos de Platão. In *Filebo*. n/a. Disponível In: [http://www.4shared.com/office/usZowmkc/Plato\\_-\\_Dilogos.html](http://www.4shared.com/office/usZowmkc/Plato_-_Dilogos.html). Acessado em 17/07/2012.
- BERGSON. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução: Paulo Neves. 2ª edição. São Paulo: Martins fontes, 1999.
- BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauser ou a Fabricação da Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CANDAU, Jöel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: contexto, 2011.
- BORGES, Jorge Luis. *Prosa Completa*. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol. 1.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: companhia das Letras, 2009.
- DIDI-HUMERMAN, Georges. *O que vemos o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998.
- FARIAS, Francisco Ramos de. Pensando memória social a partir da noção de “a posteriori” de Sigmund Freud. *Morpheus: Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Ano 08, nº 13, 2008. Disponível In: <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero13-2008/franciscofarias.htm>, acessado em 27/07/2012.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: edições Graal, 1989.

- FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas Completas: Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: la identidad deteriorada. 5. ed. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. Los marcos sociales de la memoria. Barcelona: Anthropos Editorial, 2004.
- HARTO, G. François. Tempo e Patrimônio. *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36: p. 261-273, 2006. Disponível In: <http://www.scielo.br/pdf/vh/v22n36/v22n36a02.pdf>. Acessado em 29/07/2012.
- IZQUIERDO, Ivan. Memórias. Estudos avançados. Vol 3, nº 6. São Paulo. Disponível In: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141989000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010340141989000200006&script=sci_arttext). Acessado em: 28/07/2012.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez 1993.
- RICOUER, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Editora Unicamp, 2010.
- WERZOG, Werner. O enigma de Kaspar Hauser. Título original: *Jeder für Sich und Gott gegen Alle*. Concorde. Alemanha, 1975.
- WINNICOTT, Donald Woods. O ambiente e os processos de maturação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

Recebido em: 15/06/2012

Aprovado em: 16/07/2012

Publicado em: 15/09/2012